

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

25 de Novembro de 2024

A CINEMATECA COM O DOC'S KINGDOM: TRIHN T. MINH-HA

NAKED SPACES: LIVING IS ROUND / 1985

Um filme de Trihn T. Minh-Ha

Argumento, imagem (16 mm, cor), montagem e escolha musical: Trihn T. Mihn-Ha / Som: não identificado / Narração: Barbara Christian, Trihn T. Mihn-Há, Linda Peckham / Produção: Jean-Paul Bourdier para Circles; Idera; MOMA (Museum of Modern Art; Women Make Movies / Cópia: digital (transcrita do original em 16 mm), versão original com legendas eletrônicas em português / Duração: 135 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Estreia em Portugal: data não identificada / Primeira apresentação na Cinemateca.

com a presença de TRIHN T. MINH-HA

Nascida no então Vietname do Norte em 1952, Trihn T. Mihn-Ha foi criada em Saigão, capital do então Vietname do Sul e instalou-se nos Estados Unidos quando tinha dezoito anos, cinco anos antes do fim da guerra. Isto já nos dá uma ideia das linhas que se cruzam no seu percurso, marcado pela Ásia e pela cultura americana, em que “o contexto da herança asiática” é fortemente matizado por um metódico percurso académico norte-americano. Trihn T. Mihn-Ha apresenta-se como “professora e teórica” (ensina e ensinou em diversas universidades), noções que se confundem um pouco nos meios académicos americanos, em que cada professor quer desdobrar-se num teórico, epilogando sobre elementos básicos da linguagem cinematográfica, como o tempo, o espaço, a percepção da imagem. Por conseguinte, a sua atitude é muito mais a de uma *artista* (conceptual) e uma académica do que a de uma *cinéasta*, pois as suas obras não se entregam diretamente e talvez devam ser vistas sobretudo pelo modo como são feitas, mais do que por aquilo que mostram, levando a um ponto extremo a predominância do *como* sobre o *quê* na articulação dos seus filmes.

Um filme começa pelo seu título e a segunda parte do título do filme que vamos ver é um tanto enigmática: um *round live* é, informa-nos o dicionário, “uma série de acontecimentos relacionados, especialmente vindos antes ou depois de um acontecimento similar”, o que pode ser aplicado às imagens de trabalho e festejos que desfilam diante dos nossos olhos. A ideia de círculo, modesta forma de infinito, também está presente, de modo subjacente no título do filme, em que é dito que *living is round*. Este foi realizado em seis países da África Ocidental: Mauritânia, Mali, Burkina-Faso, Togo, Benim e Senegal. Um intertítulo no início adverte-nos que **Naked Spaces: Living is Round** “*não é descritivo, não é informativo, não é interessante*”, em suma, não é aquilo que se espera de um filme sobre a África na sua totalidade ou sobre partes do continente. O filme retoma e expande um trabalho anterior da realizadora, **Reassamblage**. O resultado é um filme-ensaio não “sobre” a África (na ótica que enforma o filme, todas as imagens feitas até então em África por não africanos estão manchadas pela incapacidade de abolir o olhar colonial), mas da junção (mais do que da conjugação) entre as imagens captadas em diversas comunidades, em gestos que parecerão semelhantes a um espectador não africano e os textos, ditos por doulas vozes académicas americanas. Estes, apesar do tom ligeiramente sentencioso com que são lidos, são originários das comunidades onde as imagens foram captadas, informa-nos o genérico de fim. São belos e concisos, mas nem sempre plenamente inteligíveis, existem como são, não para o benefício do espectador. Não há hierarquização naquilo que é mostrado, os diversos segmentos são ao mesmo tempo estanques e cosidos entre eles. O espectador tem gradativamente consciência que não pode penetrar naquilo que vê, mas pode reconstituir a maneira como se articula aquilo que vê e ouve.

Antonio Rodrigues